

Anti-inflamatório não Esteróides (AINEs) e automedicação

Non-steroidal anti-inflammatory (NSAID) and self-medication

Antiinflamatorio no esteroideo (AINEs) y automedicación

Recebido: 09/03/2022 | Revisado: 17/03/2022 | Aceito: 25/03/2022 | Publicado: 31/03/2022

Roselaine Moura de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9653-416X>

Faculdade UniBF, Brasil

E-mail: rose.tdbrij@gmail.com

Kamila Pinto Duarte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8434-2056>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: kamilap.duarte@gmail.com

Resumo

O cenário do uso irracional de medicamentos ocorre devido a assistência em saúde no país que em sua maioria é um serviço de difícil acesso. Muitos pacientes deixam de procurar ajuda especializada e eventualmente usam medicamentos de forma indiscriminada, tal hábito promove o mascaramento de possíveis doenças. Este estudo visa apresentar fatos e estudos relacionados à automedicação, o que induz esse hábito na população por suas causas. O estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica baseada em artigos, revistas científicas, sites e publicações. Foram recuperados artigos que abordam a automedicação e a classe dos AINEs, e dois artigos do tipo estudo de campo com efeitos adversos dos AINEs. A análise bibliográfica minuciosa sobre os AINEs, seus efeitos adversos, pesquisas encontradas e a importância da orientação sobre seus riscos apresentou que existe a necessidade do aprimoramento de programas e projetos sobre este tema, assim como trabalhos de divulgação sobre esse assunto desde aos profissionais de saúde e a toda população.

Palavras-chave: AINEs; Efeitos adversos; Automedicação; Anafilaxia; Fármacos.

Abstract

Irrational use of medicines set occurring due health care in the country, which is mostly a service of difficult access. Many patients fail to seek specialized medical care and eventually use medications indiscriminately, such habit promotes the blinding of possible diseases. This study aims to present facts and studies related to self-medication, what induces this habit in the population and its causes. The study was conducted through bibliographic research based on articles, scientific journals, websites, and publications. Articles dealing with self-medication and the class of NSAIDs were retrieved, and two articles of the field study type with the adverse effects of NSAIDs. The thorough bibliographic analysis about NSAIDs, their adverse effects, researches found and the importance of the orientation about their risks showed that there is a need for the improvement of programs and projects about this theme, as well as works of disclosure about this subject from health professionals and the entire population.

Keywords: NSAIDs; Adverse effects; Self-medication; Anaphylaxis; Drugs.

Resumen

El uso irracional de los medicamentos se establece debido a la atención médica en el país, que es en su mayoría un servicio de difícil acceso. Muchos pacientes no acuden a la atención médica especializada y acaban utilizando los medicamentos de forma indiscriminada, dicho hábito promueve el cegamiento de posibles enfermedades. Este estudio tiene como objetivo presentar hechos y estudios relacionados con la automedicación, lo que induce este hábito en la población y sus causas. El estudio se realizó mediante una investigación bibliográfica basada en artículos, revistas científicas, sitios web y publicaciones. Se recuperaron artículos que trataban sobre la automedicación y la clase de AINE, y dos artículos del tipo de estudio de campo con los efectos adversos de los AINE. El análisis bibliográfico exhaustivo sobre los AINEs, sus efectos adversos, las investigaciones encontradas y la importancia de la orientación sobre sus riesgos demostraron que es necesario mejorar los programas y proyectos sobre este tema, así como los trabajos de divulgación sobre el mismo por parte de los profesionales de la salud y de toda la población.

Palabras clave: AINEs; Efectos adversos; Automedicación; Anafilaxia; Drogas.

1. Introdução

O incentivo ao consumo de medicamentos, além de ser realizado por meio de propagandas e pela internet, soma-se à falta de informação e conhecimento de alguns profissionais da saúde sobre a segurança dos fármacos, sendo este é um dos

motivos que induz à automedicação (Aquino, 2008). Tal cenário ocorre porque a assistência médica no país, em maioria, é de difícil acesso, onde muitos pacientes deixam de procurar ajuda especializada e usam medicamentos de forma indiscriminada, mascarando possíveis doenças (Leite, et al, 2009).

Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) têm registros datados desde os povos antigos do Egito, demonstrando que a casca de salgueiro aliviava a dor reumática e o uso do Mirtilo para inflamação e dores. Em 1818, a salicina foi isolada da casca do salgueiro (*Salix alba vulgaris*) por Jolhonn Andreos Buchnne, em 1897, um funcionário da Bayer chamado Felix Hoffam, após seu pai ter feito o uso do ácido acetilsalicílico (AAS) e relatar o gosto amargo, decide acetilar esse ácido. Assim surge o primeiro fármaco AINE, comercializado como aspirina pela Bayer em 1899 (Figueiredo & Alves, 2015).

Os inibidores de COX-2, os celecoxibes, a princípio teriam sido desenvolvidos por não causarem tantos efeitos colaterais na mucosa gástrica como os AINES, mas isso também está discutido na literatura (Hilário et al., 2020). A classe dos coxibes por via oral é bastante absorvida e em pacientes com complicações gástricas, a utilização dos coxibes se mostra mais viável tanto do ponto de vista clínico como econômico. Entretanto, essa apresentação é contraindicada na doença coronariana e cerebrovascular (Servidoni et al., 2006).

Dentre os efeitos colaterais dos AINES, encontram-se os gastrointestinais, onde 20% dos pacientes não toleram o uso dos anti-inflamatórios e acabam interrompendo o tratamento. O seu uso por um prazo maior pode causar lesões e úlceras gástricas e duodenais, além dos efeitos clássicos como diarreia, dor abdominal e azia (Sandoval et al., 2017). Esses efeitos ocorrem devido ao bloqueio da COX-1 na mucosa gastrointestinal. Deve-se usar inibidores da bomba de prótons em pacientes que possuem úlcera gástrica e necessitam usar os AINES, orientando seu uso após as refeições (Silva et al., 2019).

Outro efeito adverso que se deve informar aos pacientes é que anti-diuréticos utilizados para controle de doenças cardiovasculares, se associado ao uso de AINES, corre-se o risco de uma insuficiência cardíaca. Estudos comprovam o aumento na taxa de hospitalização relacionados a esses casos (Batlouni, 2010).

Efeitos renais precisam ser observados principalmente ao de pacientes de alto risco, que já tenham redução da perfusão renal, pelos efeitos causados pelas prostaciclina que levam a insuficiência renal aguda (Silva, Ribeiro & Marques, 2021). Como relatado neste trabalho, esses fármacos vêm acompanhados de vários efeitos colaterais, principalmente no trato gastrointestinal (TGI), o que encorajou diversos novos estudos para se obter essas substâncias como menos efeitos colaterais. A partir daí novos fármacos, sendo acídicos ou não, passaram a ser produzidos procurando-se encontrar menos efeitos colaterais e mais eficácia (Barros, et al., Silva & Rodrigues Junior, 2020, 2021).

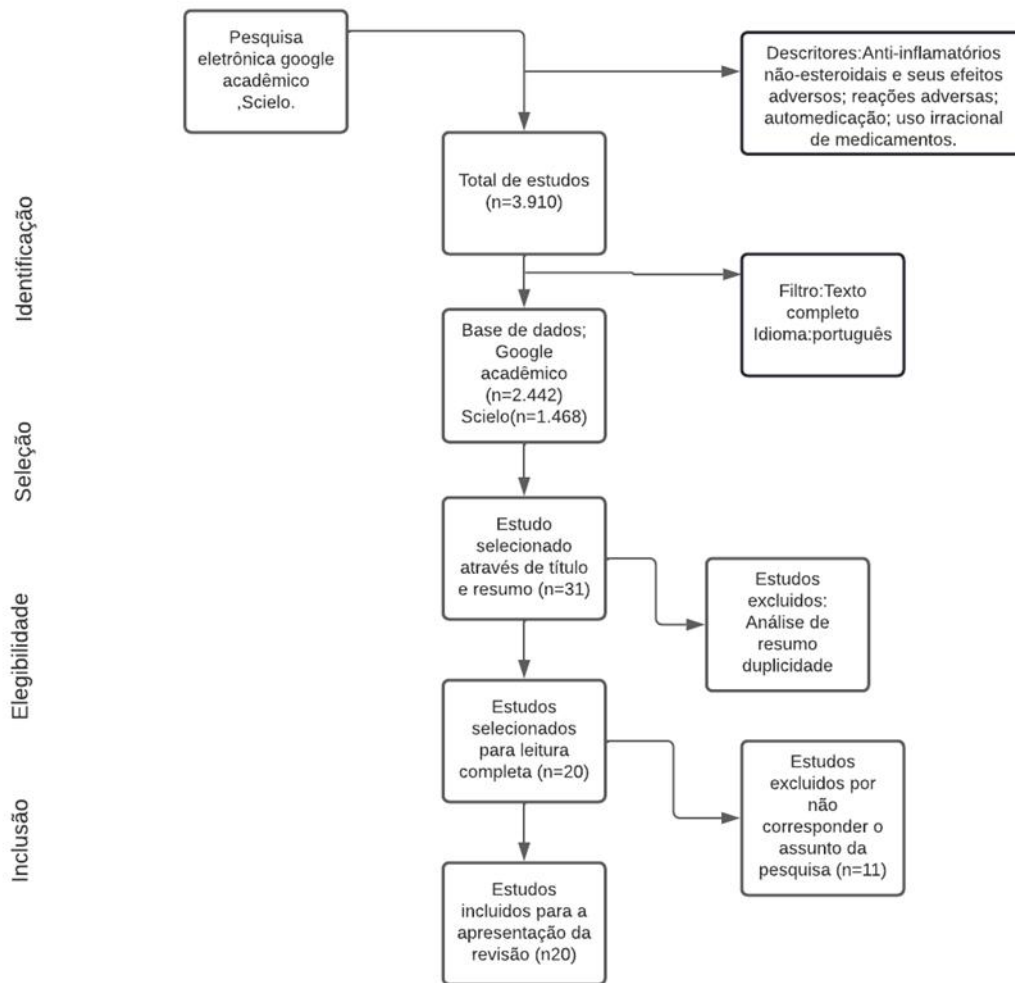
Atualmente, os AINES mais utilizados conhecidos por possuir menos efeitos colaterais são: Aceclofenaco, Nimesulida, Meloxicam, Naproxeno, Ibuprofeno, Fentizaco, Tenoxicam, Diclofenaco, Cetoprofeno, Piroxicam, entre outros (Ariede et al., 2009). E para ser considerado um AINE, o fármaco precisa ter três ações principais como analgesia, anti-inflamatória e antipirética, sendo que muitos pacientes apresentam mais de um sintoma, sendo assim, tais ações são consideradas altamente vantajosas para o cenário clínico (Muri et al., 2009). O trabalho aborda sobre o uso excessivo de AINES e suas especificações, assim como o motivo de seu uso irracional; as classificações; e estudos com pesquisas comparativas.

2. Metodologia

O presente artigo consiste em uma revisão bibliográfica da literatura, do tipo integrativa com caráter descritivo. Foram utilizados artigos científicos publicados sem restrição de data, pesquisa bibliográfica baseada em artigos, revistas científicas, sites e publicações. Para a elaboração desta pesquisa, as fontes de pesquisas foram realizadas nas bases de dados GOOGLE ACADÊMICO, RSD e SCIELO. Foi realizada buscas por assuntos com a palavra-chave, AINES, automedicação, a interação medicamentosa em idosos; e a percentual de anafilaxia de pacientes em hospitais advindas dos AINES, no idioma português

com texto completo disponível. Foram analisados diversos trabalhos elaborados e publicados entre os anos de 2010 a 2021, a fim de abranger informações atuais e possíveis atualizações sobre o tema. A pesquisa compreendeu um total de 31 artigos pesquisados, desde total foram selecionados para análise 20 artigos. Como critérios de exclusão, artigos que apresentaram repetidos, e resumos fora do assunto do estudo em pesquisa. Como se refere na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos para revisão bibliográfica integrativa.



Fonte: Autores.

3. Resultados

Em um estudo realizado de 2007 a 2010, com um sistema de notificação nacional de anafilaxia, foram analisados 313 doentes. Das reações adversas a medicamentos (RAM), entre várias classes terapêuticas, a causa mais frequente de anafilaxia foram os AINES entre 150 doentes (48%). A maioria destes pacientes tinham antecedentes de alergia e eram atópicos.

Os AINES do tipo COX-1, foram os principais implicados com destaque para o AAS, o Diclofenaco, o Ibuprofeno e o Metamizol. Os COX-2, foram implicados em 6 doentes e sobre fator de intervalo de tempo e o aparecimento clínico das manifestações, na grande maioria, aparece nos primeiros 15 minutos. Dos sintomas, 88% apareceram na primeira hora e em 6%, após duas horas, todos relacionados aos AINES, sendo metade dos casos (45%) de ocorrência em ambiente hospitalar.

No estudo sobre a anafilaxia, 48% dos doentes num total de 150 pacientes foram motivados pelo uso de AINES. Assim temos comprovados diversos efeitos adversos, gastrointestinais, renais e cardiovasculares ocasionados pelos AINES,

além de riscos de anafilaxia após interações com outros fármacos (Faria et al., 2012).

Em um estudo realizado no Centro de Referência na Atenção à Saúde do Idoso de um Hospital Público de Ensino de Natureza Jurídica Pública em Belo Horizonte, Minas Gerais e credenciado ao Sistema Único de Saúde (SUS). O estudo foi composto por pacientes idosos maiores de 60 anos, onde a polifarmácia se fez presente e identificou-se que 80,6% dos idosos usavam medicamentos por automedicação.

Os medicamentos do sistema musculoesquelético (inclusive relaxantes musculares e anti-inflamatórios não esteroidais – AINES) foram os mais frequentes, correspondendo a 36,1% daqueles utilizados por automedicação; relaxantes musculares e AINES corresponderam, respectivamente, a 21,4% e 14,7%. Em seguida, foram mais frequentes os medicamentos para o sistema nervoso, com 35,3%, sendo o principal grupo farmacológico deste sistema os outros antipiréticos e analgésicos, como paracetamol e a dipirona. Desse mesmo estudo, analisamos as interações medicamentosas e 94 (68,6%) dos idosos tiveram alguma interação que envolvia medicamentos de prescrição médica e utilizados por automedicação (Oliveira et al., 2018).

Das 114 interações, os AINES foram os que mais apresentaram interações com maior frequência. Entre adultos e idosos esse grupo farmacológico foi o mais utilizado, sendo o uso elevado de fármacos potencialmente inapropriados por automedicação uma realidade preocupante, pois os eventos adversos sobressaem aos benefícios. Após as consequências da automedicação e verificar o incentivo a esse consumo pela mídia, propaganda e todo complexo industrial foi necessária a atenção especial a esse assunto.

4. Discussão

O excesso de medicamentos livres de prescrição sem dúvidas é um potencial problema que, comprovadamente pode se tornar um risco à vida. Infelizmente, a maioria da população não tem conhecimento de que apesar de haver mais de 50 tipos de anti-inflamatórios existentes no mercado, todos eles ainda não são considerados totalmente seguros e por consequência disso, existem reais riscos associados à sua utilização e efeitos adversos resultantes do uso em excesso (Santos, da Silva Filho, & Guedes, 2021).

O fácil acesso e o aumento da disponibilidade desses tipos de medicamentos se tornam um problema em vários aspectos: eles podem mascarar doenças sérias que não recebem o devido tratamento e podem se agravar, tornando-se até irreversíveis com o passar do tempo e por consequência, demandar um maior esforço do sistema de sistema esse que por sua vez, já possui um grande desfasamento por falta de investimentos, em especial no Brasil (Soterio & Santos, 2016).

De acordo com a pesquisa realizada com uma amostra de 416 pessoas, cerca de 190 pessoas possuem dor crônica, que é a dor persistente por mais de 90 dias, e automedicação analgésica é realizada por cerca de 149 delas comprovando que grande parte da população não trata de forma correta as dores e queixas persistentes, utilizando os analgésicos como métodos paliativos e ineficazes a longo prazo (Barros et al., 2020).

Além disso, é importante mencionar a categoria das mulheres grávidas que buscam medicamentos que possam aliviar os incômodos causados no período gestacional. Muitas, por falta de orientação e conhecimento acerca da má administração de fármacos expõem tanto à gravidez quanto ao nascimento das crianças a diversos riscos, como: má formação fetal, prolongamento do tempo de parto e até mesmo a morte neonatal (Silva & Rodrigues Junior, 2021).

Outro grupo que merece a sua devida atenção são os idosos, devido à predisposição por sentirem algum tipo de desconforto de forma corriqueira associados à idade e doenças concomitantes. Este grupo precisa ter um acompanhamento especial por parte da família e médicos, na prescrição de medicamentos mais apropriados, além de atenção farmacêutica no atendimento a esse grupo, principalmente se identificado a busca recorrente por medicamentos livres de recomendação médica; sendo atitudes básicas, porém de imensa importância para o uso racional e seguro desse tipo de medicação (Lima et al., 2016).

A dipirona, medicamento popularmente conhecido por aliviar dores de cabeça, dores no corpo e alívio dos sintomas

de febre e que pode ser comprado por qualquer pessoa sem quantidades pré-definidas é um exemplo popular de quão nocivo um medicamento pode se tornar que, em excesso, se torna um agente tóxico ao corpo humano, induzindo uma resposta aguda do organismo com diversas complicações contraditórias ao seu objetivo primordial: o alívio de pequenos incômodos (Ariede et al., 2009).

Uma das possíveis e consequências de uso excessivo de medicamentos está associada às atividades cardiovasculares, gastrointestinais e renais do organismo afetado pelo excesso de medicamentos anti-inflamatórios. A principal origem dos efeitos adversos desta classe de medicamentos está na inibição da produção de prostaglandinas (Oliveira et al., 2018). No caso dos rins e sua grande atuação na excreção dos fármacos, quando este membro do corpo percebe a passagem inúmeras vezes do mesmo tipo de droga, pode facilmente desencadear disfunções e processos inflamatórios que comprometem o bom funcionamento do mesmo a longo prazo (Santos et al., 2021).

Um dos mais atuais exemplos do quão nocivo a automedicação pode ser, e, quanto a desinformação colabora para esse fato foi vivenciado através da pandemia causado pelo Coronavírus nos últimos anos. Medicamentos como Hidroxicloroquina, Ivermectina e a Azitromicina que são ineficazes de acordo com a Organização Mundial de Saúde foram adquiridos e consumidos de forma irracional diante da busca de soluções que pudessem amenizar ou prevenir potenciais riscos à doença. O grande problema é que a má administração desses medicamentos é justamente o fator que deixa a população mais exposta à gravidade da doença, uma vez que as reações adversas podem ser imprevisíveis e gerar comorbidades que podem ser atenuadas através do contágio causado pela COVID-19 (Ruiz et al., 2021).

5. Conclusão

Com as informações expostas no presente trabalho, sobre consequências do uso irracional de medicamentos e todas as patologias advindas do uso sem orientação dos AINES fica claro a necessidade de se fazer todo um trabalho de divulgação sobre esse assunto, desde aos profissionais de saúde e a toda população.

O presente trabalho demonstra a necessidade da existência da farmacovigilância para acompanhar a qualidade dos medicamentos às reações adversas, os erros de medicação e as consequências que normalmente ficam abandonadas. É de devida importância incentivar a redução dessa prática, e não deve partir apenas dos profissionais de saúde, mas sim de toda mídia e da população esclarecida.

O conhecimento sobre os AINES e suas interações medicamentosas seus efeitos adversos devem ficar bem claros, pois o fácil acesso a esse medicamento induz o uso da população no caso de dores em geral, principalmente idosos. A partir do momento desse conhecimento sobre essa substância as pessoas agiriam prudentemente ao invés de fazer o uso do medicamento de maneira abusiva ou excessiva.

E sugerido que seja realizada parcerias entre empresas públicas e privadas juntamente com veículos de comunicações, escolas e universidades. Que visam projetos para alertar e educar a população. Projeto de grande disseminação das informações da importância desse tema, dessa forma dando continuidade na preservação da saúde de todos e evitar possíveis danos até mesmo à ocorrência de óbito.

Referências

- Andrade, S. M. de, Cunha, M. A., Holanda, E. C., Coutinho, G. S. L., Verde, R. M. C. L., & Oliveira, E. H. de. (2020). Characterization of the profile of drug intoxications by self-medication in Brazil, from 2010 to 2017. *Research, Society and Development*, 9(7), e236973952.
- Aquino, D. S. (2018) Por Que o Uso Racional de Medicamentos Deve Ser Uma Prioridade? *Ciência & Saúde Coletiva*, 13, 733-736.
- Ariede, J. R., Perilio, L., Ballesterio, L. G. B. & da Costa Gileno, M. (2009). Efeito da Dipirona, do Naproxeno e do Diclofenaco de Potássio sobre Células Sanguíneas. *Revista Brasileira Multidisciplinar*, 12(2), 89-100.

- Barros, G. A. M. D., Calonego, M. A. M., Mendes, R. F., Castro, R. A., Faria, J. F., Trivellato, S. A., & Dias, A. (2020). Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, 69, 529-536.
- Batlouni, M. (2010) Nonsteroidal Anti-Inflammatory Drugs: Cardiovascular, Cerebrovascular And Renal Effects. *Arquivos brasileiros de cardiologia*, 94, 556-563.
- Faria, E., Rodrigues-Cernadas, J., Gaspar, A., Botelho, C., Castro, E., Lopes, A., & Morais-Almeida, M. (2012). Anafilaxia Induzida Por Fármacos: Registro Nacional 2007-2010. *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*, 20, 93-107.
- Figueiredo, W. L. M., & Alves, T. C. A. (2015). Uso dos anti-inflamatórios não esteroides no controle da dor aguda: revisão sistemática. *Revista Neurociências*, 23(3), 463-467.
- Hilário, M. O. E., Terreri, M. T., & Len, C. A. (2006) Nonsteroidal Anti-Inflammatory Drugs: Cyclooxygenase 2 Inhibitors. *Jornal de Pediatria*, 82, S206-S212.
- Leite, S. N., Pereira, S. M. P., da Silva, P., do Nascimento Junior, J. M., Cordeiro, B. C., & Veber, A. P. (2009) Ações Judiciais e Demandas Administrativas na Garantia do Direito de Acesso a Medicamentos em Florianópolis-SC. *Revista de Direito Sanitário*, 10 (2), 13-28
- Lima, T. A. M. D., Furini, A. A. D. C., Atique, T. S. C., Di Done, P., Machado, R. L. D., & Godoy, M. F. D. (2016). Análise de potenciais interações medicamentosas e reações adversas a anti-inflamatórios não esteroides em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19, 533-544.
- Muri, E. M. F., de Mello Sposito, M. M., & Metsavaht, L. (2009). Antiinflamatórios não-esteroidais e sua farmacologia local. *Acta fisiátrica*, 16(4), 186-190.
- Oliveira, S. B. V. D., Barroso, S. C. C., Bicalho, M. A. C., & Reis, A. M. (2018). Perfil de Medicamentos Utilizados Por Automedicação Por Idosos Atendidos em Centro de Referência. *Einstein (São Paulo)*, 16.
- Ruiz, J. M. G., Souza, E. F., & Paiva, M. J. M. (2021). The media influence on self-medication of the new coronavirus: a literature review. *Research, Society and Development*, 10(13), e53101321015.
- Sandoval, A. C., Fernandes, D. R., Silva, E. A. D., & Terra Júnior, A. T. (2017). O Uso Indiscriminado dos Anti-Inflamatórios Não Esteroidais (AINES). *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA*, 8 (2).
- Santos, E. J. S., da Silva Filho, S. M., & Guedes, J. P. (2021). Anti-inflamatórios não esteroides e problemas renais. *Research, Society and Development*, 10(15), e301101522923-e301101522923.
- Servidoni, A. B., Coelho, L., Navarro, M. D. L., Ávila, F. G. D., & Mezzalira, R. (2006). Perfil da Automedicação nos Pacientes Otorrinolaringológicos. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, 72 (1), 83-88.
- Silva, G. S., Ribeiro, I. S., & Marques, M. S. (2021). Consequences of self-medication in renal insufficiency patients. *Research, Society and Development*, 10(16), e45101623544.
- Silva, M. M., Oliveira, M. C., Couto, V. F., Moreira, T. M., Coelho, Y. N., & Nunes, C. P. (2019). O uso crônico de anti-inflamatórios não-esteroidais e seus efeitos adversos. *Cadernos da Medicina-UNIFESO*, 2(2).
- Silva, N. M., & Rodrigues Junior, O. M. (2021). Risk factors of self-medication in pregnant women: a study of non-steroidal Anti-inflammatory drugs. *Research, Society and Development*, 10(15), e183101522993.
- Soterio, K. A., & Santos, M. A. (2016). A Automedicação No Brasil E A Importância Do Farmacêutico Na Orientação Do Uso Racional De Medicamentos De Venda Livre: uma revisão. *Revista Da Graduação*, 9(2).